

TEMAS DE ESTUDOComo vamos trabalhar?

Neste ano a seguir ao Congresso nenhuma de nós duvida das exigências que se nos põem para o confirmar. A parte dêle que já ficou para trás foi só um acorde de abertura. Quantas sugestões esperam realização! O Congresso acendeu sobre a vida da Universidade e dos universitários uma luz que nos faz descobrir e precisar problemas de toda a ordem: problemas morais e religiosos, problemas de estudo e problemas profissionais. Interessando-nos a todos, quase nenhum de nós os aprofundou ainda. Até aqui a delimitação das grandes linhas de estudo, pela D.G.. Agora sobre os esquemas dela, a observação detalhada de cada ponto particular, a especialização por faculdades, a concretização dos meios eficientes de remodelamento que será feito também pelas secções. Enquanto alguns temas foram já destacados para as reuniões gerais, outros que obrigam a um trabalho de estudo continuado, são confiados às equipas. Nenhum deles abrange número determinado de reuniões porque elas devem levar todo o tempo que for preciso para serem trabalhados a fundo e a sério. E não serão estudados, só na reunião de equipa, porque não se podem circunscrever ao tempo escasso duns encontros raros. Problemas da vida, eles vão ser parte integrante da nossa vida. Na reunião semanal da equipa teremos ocasião de trocar impressões sobre os dados que cada uma colheu e tirar deles conclusões. Mas a própria reunião faz apelo a muito mais trabalho, pessoal e em pequenos grupos, para estudar a fundo o que há sobre cada ponto, em factos e em doutrina. Este estudo continuado e dividido será baseado no esquema e bibliografia da D.G.. A par deste trabalho teórico impõe-se-nos uma atitude de vida que é querência na alma da Universidade, atenção contínua às pulsações dela! Um e outro trabalho serão regulados pela reunião onde as descobertas de cada uma se farão domínio de todas e o estudo pessoal ganhará amplidão de Comunidade. É preciso que desde já a equipa, como célula viva da Jucf, tenha realmente vida e comece a esboçar a Comunidade Universitária Cristã.

A tarefa a que damos início para realizar o Congresso nas secções é portanto estudo e vida. Porque é estudo exige e promove a valorização de cada uma de nós e portanto de todo o jucista; porque é vida e vida duma comunidade exige irradiação da Jucf na Universidade. Para irmos buscar fora de nós as vivências características dela tal é hoje; e comecemos a infiltrar nela o sentido da unidade e universidade Cristã. Queremos trazer a Universidade a Cristo. Precisamos de ser já uma verdadeira Comunidade Universitária Cristã em uniããe, em estudo e em amor. Um dia a nossa Comunidade abarcará toda a Universidade - Teremos conseguido a Comunidade Universitária Cristã com as proporções que desejamos. Teremos realizado o Congresso.

VOCAÇÃO UNIVERSITÁRIA



1. Cada homem - tem, desde toda a eternidade, no plano da Criação e no plano da Redenção, marcado por Deus, um lugar em que é insubstituível
 - e deve procurar conhecer a vontade do Senhor a seu respeito, revelada através das próprias qualidades e tendências naturais, das circunstâncias da vida prática e do sopro do Espírito Santo, atentamente escutado e docilmente seguido,
 - para, segundo o que lhe foi dado,
 - a) glorificar a Deus,
 - b) se realizar pessoalmente e
 - c) servir, com o máximo de eficiência, a sociedade.
2. O erro na escolha ou a infidelidade na prosecução da própria vocação determinam a frustração dos três fins enunciados e esterilizam a vida do homem.
 - O erro deriva, quase sempre, da recusa de servir - o "non serviam", dito, consciente ou inconscientemente, a Deus e aos outros - e do desejo de gozar, egoístamente, os prazeres da vida. Por isto, só interessa o curso mais fácil, com mais "saídas", permitindo o mais rápido acesso a um lugar rendoso.
 - A infidelidade tem origem, as mais das vezes, na vontade fraca, no sentimento de segurança burguesa dado pelo apoio familiar, na ausência de hábitos de trabalho e da noção de tarefa a realizar, que dominam a maioria.
3. A vocação universitária tem, aos olhos de Deus, como via de santificação, o mesmo valor que qualquer outra, e o homem que acertou no seu caminho, seja qual for, tem a mesma dignidade que qualquer diplomado.
 - O desejo de fugir à "desonra de se não ser universitário" - devida à desvalorização social das profissões e à vaidade nacional do "canudo" - é o factor mais responsável da futilidade e da mediocridade do nosso meio universitário.
4. Mas a vocação universitária é, sem dúvida, porque permite, a quem a recebeu, o acesso às verdades universais e lhe confere a chefia natural da vida da sociedade,
 - uma graça e
 - uma responsabilidade excepcionais.
5. Na escolha da vocação, portanto, é indispensável agir com prudente seriedade.
 - a)- Olhar para Deus e encher-se do desejo de servir.
 - b)- Conhecer as várias possibilidades de opção, através dos serviços organizados ou de informações procuradas.
 - c)- Avaliar, com justeza, as qualidades próprias e as exigências sociais.
 - d)- Buscar conselho da Família, de Professores e de instituições de orientação.
6. A vocação universitária autêntica é uma grande riqueza e deve ser cultivada, pelo que a recebeu e ajudada pela sociedade.
7. Vocação universitária significa amor à Verdade.
 - Amor à verdade objectiva das coisas, luz para o caminho a seguir
 - Amor às verdades parciais e à síntese totalizadora das ciências, em que cada uma encontra o lugar adequado
 - Amor ao conhecimento metafísico, caminho para Deus
 - Amor à Verdade que é a Palavra de Deus - Cristo, nosso Mestre - encontrada nos mais altos cimos do conhecimento universitário.
 - Amor que se revela e dilata pelo trabalho.
8. O estudo sério, humilde e esforçado é a respiração do universitário.
 - A aquisição dum verdadeiro método e a criação de hábitos de trabalho intelectual são indispensáveis.

A sobrenaturalização do estudo é exigência da vida cristã: pelo estudo tocamos a Deus, e o Espírito Santo, Espírito de Verdade que procede do Pai e do Filho, deve ser o Guia da nossa inteligência. Peçamos-Lhe luz para o trabalho e muita simplicidade de coração, para não pecarmos por orgulho intelectual ou por vaidade de diante dos outros.

9. O universitário autêntico tem viva consciência de serviço - "ainda que eu conheça tudo quanto se pode saber, se não tiver a caridade nada sou" (S. Paulo).

Aprendamos para comunicar a Verdade e nos darmos ao bem dos outros. Não nos embrenhemos num intelectualismo vão, mas procuremos estar atentos à realidade.

preparar-nos para ser profissionais competentes, tanto no aspecto técnico como no deontológico.

conhecer os problemas concretos da vida nacional e contribuir para a sua resolução.

10. Vocação universitária implica, finalmente, sentido de comunidade a fazer.

Dentro da Universidade há vocações distintas - as Faculdades - cada uma trabalhando para utilidade comum. Mas a comunidade universitária não se encontra: faz-se!

Os universitários devem - conhecer-se como um corpo,
- pôr em comum os seus esforços,
- descobrir juntos a Verdade.

O espírito de comunidade realiza-se - pela colaboração entre professores e estudantes,

- pelo contacto
entre os vários cursos,

- pelos estudos
e realizações comuns -

num ambiente de caridade fraterna e com a preocupação de atingir a síntese cristã do saber.

= QUESTIONARIO =

1. "A vocação universitária é um apelo e consagração à Verdade"
- Ao entrares na Universidade, pensaste nestas exigências?
- Viste, nesta consagração, uma consagração a Deus e ao Seu Serviço?

2. "Vocação universitária significa, também, serviço da sociedade".
- Sentiste as responsabilidades sociais que assumiste, ao entrares na Universidade?
- Sabes que da tua resposta a essa vocação depende a evolução da sociedade futura, onde terás função de dirigente?

3. Para que vieste para a Universidade?
- Vocação universitária autêntica?
- Meio de ganhar a vida?
- Vaidade social, mesmo insensível?
- E que pensas da maioria dos que te rodeiam?

4. Porque escolheste este curso?
Gosto natural?
Pressão familiar?
Conveniência material?
Influência de amigos ou professores?
E que pensas da maioria dos que te rodeiam?

5. Crês que os teus colegas consideram tão necessária e tão digna como uma profissão universitária, a profissão de varredor de ruas ou a de técnico metalúrgico? Que conclusões daí?

6. Que pensas acerca do nº 7 do texto?

7. Os teus colegas preocupam-se com o serviço que farão, depois de formados? E tu?

-----X-----

B.H



A vocação universitária exprime-se por um amor à Verdade, mas não por um amor estático. A verdade é por si mesma expansiva, leva-nos à comunicação, dá-nos uma missão, envia-nos. Quando se vê qualquer verdade, temos necessidade de falar dela e temos além disso o dever de a dar a conhecer aos outros. A Verdade sobrenatural é entre todas especialmente comunicativa. Lança-nos naturalmente no apostolado. Como poderemos conhecer Cristo e não sentir pelo menos necessidade de facilitar à Graça o caminho das almas que nos cercam? Ora, a missão do apóstolo é exactamente fazer cair todos os obstáculos que se opõem à doutrina cristã.

O apostolado implica, primeiramente, uma transfiguração das nossas vidas ao serviço da Verdade, um desejo de que o Espírito transpareça cada vez mais na nossa conduta; exige depois uma abertura sincera para o meio, com um interesse verdadeiro pelos seus problemas, a consciência de que somos enviados em missão.

Para realizar o apostolado no meio universitário verifica-se a necessidade duma organização que mantenha unidos todos os que trabalham na mesma tarefa e permita uma boa coordenação dos esforços feitos. Só com essa organização se poderá fazer um estudo consciente dos problemas que se nos deparam, só assim se poderá dispor de orientações precisas e seguras, finalmente só assim serão possíveis as grandes realizações - Congressos, Cursos... É esta a missão da JUC!

Também neste apostolado organizado é fundamental o contacto de alma com alma, a Acção Pessoal. É essa a nossa missão junto de cada um dos nossos colegas, principalmente daqueles com quem convivemos mais. Para que essa actividade frutifique, exige-se de cada um de nós um certo número de qualidades. Em primeiro lugar é necessário desembaraçar a nossa alma de tudo que impede a verdade e prende a palavra; o erro e o pecado impossibilita-nos de comunicar com os outros. No nosso meio é também importante que tenhamos capacidade intelectual e cultura; que nos habituemos a raciocinar, que possuamos sólidos princípios de filosofia e teologia e que estejamos a par da conjuntura social e dos problemas científicos e culturais do momento. Finalmente, devemos prestar toda a atenção à nossa vida espiritual. Neste campo é imprescindível que nos aperfeiçoemos sempre e cada vez mais. Ainda dentro do mesmo assunto: a moral, a cultura e a vida interior, não são apenas "muito importantes" para a acção; são "indispensáveis". Podemos ter a certeza de que apostolado sem estas qualidades, sem este esforço interior, não resulta; não é apostolado! Devemos ter a consciência de que não podemos dar aquilo que não temos...

Apostolado, não é apenas a acção directa sobre os nossos colegas, pois que os esforços feitos para melhorar a Universidade repercutir-se-ão naturalmente sobre os que lá se formam. Outro ponto: o homem deve ser considerado como um todo; o que fizer-nos para melhorar a sua conduta moral, terá repercussões na vida intelectual, religiosa, familiar, etc.; tudo que fizermos para corrigirmos as suas idéias sobre a profissão, tornará mais verdadeira a sua concepção do mundo, por uma mais exacta colocação em face de todos os valores. Vem isto a propósito do tema de estudo do ano "Para uma Comunidade Universitária Cristã". Em cada semana encarar-se-ão alguns dos problemas que se nos deparam: de estudo, culturais, morais, profissionais... Pode-nos talvez parecer que muitas dessas questões não dizem respeito à Acção Católica. Mas, pelo contrário, é necessário que nos habituemos a considerar apostolado toda essa múltipla acção sobre os nossos colegas e sobre a instituição. Qualquer um de nós nota, na sua actividade apostólica, que o universitário não é o que devia ser: a sua vida moral não é muito afinada, os interesses culturais são rudimentares, enferma de muitos preconceitos contra a religião... Ora tudo o que conseguirmos fazer para que a Universidade se realize plenamente, para que o nível moral médio melhore, para que o estudo e a profissão sejam considerados como devem, irá combater as tais deficiências do universitário. Tudo isto, portanto aproximará o universitário cada vez mais da Verdade e deverá realmente ser considerado apostolado.

Os nossos colegas estão fora da Igreja por diversas razões de formação e de ambiente. É precisamente sobre essas razões que vamos agir. Começamos a compreender que ao lado do apostolado da acção pessoal, existe um apostolado de presença cristã em todos os meios e de reforma de estudantes. Assim atacaremos as verdadeiras causas do mal. Aos companheiros compete tomar conhecimento dos problemas estudados e das soluções propostas e lutar para que todos os meios se harmonizem com a Verdade.

QUESTIONÁRIO:

* "O universitário de hoje será o chefe na sociedade de amanhã"

Não te parece que esta circunstância faz recair sobre os jucistas uma responsabilidade grave? Porquê?

Que importância terá na vida dos seus futuros subordinados e suas famílias o facto de o teu companheiro de carteira ser por Cristo ou contra Cristo?

"Os teus colegas são algo mais do que constituintes da Sociedade futura; têm importância em si."

Já pensaste que cada um deles é uma alma a salvar ou a perder?

* Ao intelectual católico compete fornecer meios de tradução à Verdade, contribuir para a construção da teologia e inserir o sobrenatural na ciência.

Já pensaste na importância que teria para o apostolado, a apresentação da teologia em termos modernos?

Qual te parece que fosse a missão duma Universidade Católica neste domínio?

Já tomaste consciência do abismo existente entre os conhecimentos científicos e a filosofia e a teologia?

Não te parece que isso se resolveria com a elaboração de uma síntese total e equilibrada dos conhecimentos?

Da responsabilidade de quem será essa tarefa?

* "A Igreja tem a sua palavra a dizer em todos os grandes problemas da Sociedade"

Já pensaste a quem compete solucionar os problemas humanos à luz do sobrenatural?

Não te parece que é da responsabilidade da JUC a colaboração com os dirigentes dos outros meios na solução dos seus problemas?

* "A Universidade tem excepcional importância como orientadora da cultura e formadora do futuro escol nacional"

Não te parece que é "Acção Católica" todo o trabalho realizado para reformar a instituição universitária?

Não achas que a JUC tem uma função supletiva, devendo completar doutrinariamente o que nas Faculdades se estuda apenas sob o aspecto técnico-científico?

* "Há que manter vivo no nosso meio o problema religioso?"

A quem te parece que compete mostrar a inaptidão da ciência para orientar o Homem?

Estará dentro da missão da JUC combater os erros do pensamento dentro de cada faculdade?

Achas que é necessário dar a conhecer a posição católica sobre os principais problemas da actualidade?

* "O homem moderno procura no catolicismo uma doutrina de vida"

Não achas que esta tendência contemporânea nos cria uma grave responsabilidade?

Também te parece que: "uma vida cristã é o melhor apostolado"?

* Concordas com a frase: Apostolado não é apenas a acção sobre os nossos colegas, mas também a presença no domínio do pensamento, nos problemas sociais e na vida da Universidade...

PROBIEMAS RELIGIOSOS

A "crise do mundo moderno" não é, na realidade, qualquer coisa de especificamente novo. É apenas um capítulo mais da crise do homem, trágica iniciada com o pecado original e que só o regresso a Deus pode eliminar.

Se, aceitando métodos muito em voga mas pouco conformes com o nosso esquema doutrinal procurássemos na História a lição da experiência, veríamos que, em todos os tempos, os homens procuram opor a Deus sistemas que O dispensavam ou O combatiam; mas reconheceríamos também sem husto que todas estas doutrinas em si mesmas o princípio da própria ruína - renegando sistematicamente o infinito e o necessário é impossível edificar uma filosofia duradoura.

Não nos interessa, aliás, seguir a lição da História. Sabemos qual o motivo por que tudo passa, excepto Cristo: é que o mundo, é que tudo quanto existe, tudo são criaturas, tudo é reflexo do pensamento uno e infinito de Deus. Por isso mesmo, ou as criaturas procuram harmonizar-se com a Inteligência que as tirou do nada ou, revoltando-se, afastam Toda a possibilidade de coerência, de "realização".

II

Contudo, é notório que a maioria dos homens se desinteressa dos problemas fundamentais que dizem respeito ao nosso destino eterno. A mentalidade dominante é um cepticismo generalizado: depois de breve exame (e quantas vezes esse exame é dirigido por juízos feitos ou por sugestões do meio...) os indivíduos decidem que não vale a pena profundar essas coisas; os "intelectuais" passam a afirmar que os problemas religiosos admitem tão somente uma "opinião" ou uma "escolha"; os outros encostam-se ao exemplo dos primeiros; uns e outros pouca importância concedem de futuro a tais assuntos.

Fundação Cuidar o Futuro

Se o homem fosse espírito puro talvez não passasse daqui (o que já não era pouco). Mas a realidade é mais crua ainda: o homem, quando se "liberta" de Deus é para se constituir escravo da matéria através da carne. Para o verificar bastaria acompanhar a literatura ou, mais geralmente, todas as manifestações culturais modernas. É patente que a maioria dos autores aceita como natural a submissão, mais ainda, o culto dessas paixões.

III

Para mais facilmente realizarem os seus fins os homens organizam-se. Mas como de muitas dúvidas não sai uma certeza, quase todos esses grupos, essas sociedades renegam a Deus. É verdade que geralmente não O combatem - limitam-se a ignorá-LO. A desorientação é, porém, de tal ordem que se aponta a mentalidade ideológica como uma perfeição a atingir, como um atestado de civilização.

Ora esta atitude é duplamente condenável: em primeiro lugar porque, independentemente das opiniões dos homens, Deus existe - e existindo, e sendo Creator, é dever iniludível de todos os seres racionais confessá-LO e venerá-LO; e as Sociedades, como pessoas morais, como uniões de interesse para bem dos indivíduos, têm, ao menos teoricamente, o mesmo dever de acreditar em Deus e de se submeter às suas leis.

Mas há um 2º. mal na mentalidade ideológica: é que, desinteressando-se de Deus, a ciência, a arte, a escola, os estados fazem praticamente propaganda destrutiva. Só se despreza o que não tem valor. Aceitando que seja indiferente louva a Deus ou ignorá-lo, que seja igualmente possível seguir ou deixar de seguir a sua moral; os grupos tomam já um partido: o dos que colocam Deus à margem das preocupações humanas.

Compreende-se assim que os intelectuais, os dirigentes tenham uma interferência grande na evolução do mundo. Daí a nossa responsabilidade. Um mau filósofo, um romancista amoral, um chefe sem escrúpulos contaminam uma geração e tanto mais fortemente quanto maior for a inercia dos católicos.

Nestes casos, é preciso lutar. Contra estes erros, veio Cristo trazer o gládio.

... Mas o cristianismo não se pode propagar por negação. Para dar Testemunho de Cristo, para conduzir as almas à santidade à vida eterna, se quiserem, é indispensável que cada uma de nós viva a sua vocação, "seja toda" no posto a que foi chamada, anseie por ter cada dia mais para que cada dia possa irradiar mais. Para salvar almas, sim... mas, antes de tudo, por amor de Jesus, que é Deus, que é a Verdade, que é o Amor...

1ª. Reunião - POSIÇÃO RELIGIOSA

- a) Não pode ser indiferente acreditar ou não em Deus, ainda que hipoteticamente se seguisse a mesma moral. Deus deve ser confessado e amado porque é a Verdade, porque é o Amor.
- b) Não pode ser indiferente acreditar ou não em Cristo e na Igreja (Razões análogas).
- c) "Sem Fé, é impossível agradar a Deus" (S. Paulo,). Não basta pois "concordou". É preciso aderir com toda a inteligência com toda a alma.
- d) É falso que se possa seguir a mesma lei moral independentemente da Fé. A constância na fé impede um auxílio especial de Deus e portanto oração assídua.
- c) Ainda que se realizassem as mesmas acções, seria diferente o seu valor.
O mérito depende do grau de união com Deus, por Jesus Cristo. A perfeição consiste precisamente em fazer tudo por amor de Deus.
- f) Conclusão: o homem só vive dignamente quando provoca a Verdade; e tendo-a encontrado (a Verdade reside em Cristo) a segue com a alma toda.

Exame do meio

Analisar o meio (católicas e não-católicas) quanto às seguintes posições religiosas fundamentais:

- - Desinteresse, descrença teórica ou prática na Verdade. Absorção total pelos "problemas de interesse prático". Falta de profundidade. Rotina.

- Receio de encarar a Verdade. Sensualidade: resistência em aceitar uma doutrina que condene os desvarios das paixões. Orgulho: recusa de admitir que se pense e viva em erro.

- Liberalismo religioso: Pretensão de que basta seguir a moral de não ofender o próximo; isso seria suficiente e necessário, exista Deus ou não. Opinião de que é suficiente acreditar em Deus e procurar "ser justo"; as religiões seriam inúteis ou igualmente boas. Afirmação de que "ainda que se aceite a divindade de Jesus Cristo, não se segue que se deva aceitar a Igreja Católica"; a Igreja não passaria de um grupo particular de cristãos que se foi organizando com o tempo; o cristianismo seria segundo Jesus uma simples atitude intensa do espírito.

- Negação de Deus. Crença de que a ciência é suficiente para explicar o Universo.

- Combate a Deus, a Jesus e à Igreja: sinceridade no erro (crença no materialismo) orgulho: tentação de independência, obstinação na opinião própria, ainda que mal estruturada; revolta (problema da pobreza, da dor, do mal; censura contra a inércia dos católicos, por ex.)

- Adesão por motivos menos nobres (sentimento, tradição, atracção pelo mistério, temor do castigo).

- Adesão não vivida. Em particular, examinar nos católicos e nos jucistas tibieza, falta de generosidade, de humildade, ausência dos sacramentos, desleixo na vida de oração.



2ª. Reunião - RELIGIÃO E RAZÃO

a) A Fé em Cristo é uma adesão. Mas essa adesão é preparada por um acto de inteligência tão seguro que ninguém pode descrer de Cristo sem contradição ou desprezo da evidência.

b) Nem todos os católicos estão a par desses argumentos. A fé da maior parte assenta na autoridade de quem ensina e transmite a doutrina. S. Tomás chamava a estes "menores na fé".

Mas a Igreja precisa de "maiores", aqueles que sabem por que crêem; que compreendem o absurdo da negação de Deus, de Cristo ou da Igreja visível.

c) Os universitários serão chamados a desempenhar na sociedade postos de comando; urge pois que se tornem "maiores na fé".

Para a universitária, não basta dar testemunho de Jesus por uma vida de caridade. Isto é talvez o mais difícil. Mas não é tudo. É dever de estado do universitário dar testemunho no campo da inteligência.

O intelectual não poderá portanto ser perfeito se não estudar a sua fé, se não se sentir apto a esclarecer, a ensinar, a defender a doutrina que professa.

d) E não esquecer que o catolicismo é portador de uma mensagem de verdade absoluta - cuidado com as fantasias e com as invenções da última hora.

e) A vocação intelectual tem muitos perigos. E o maior é o do orgulho. Que o maior é o do orgulho. Que o universitário se convença de que a sua sabedoria é desprezível perante o infinito de Deus; que medita frequentemente que sem a graça são vãs as retóricas mais exactas.

Estudo do meio

a) Os que negam ou desprezam Deus cuidam ter estudado suficientemente o problema?

Ou entendem que é inútil dedicar muita atenção à Filosofia?

b) Duas reflexões:

- Esses que descrevem de Deus sem ter estudado toda a Filosofia são capazes de acreditar num médico que não tenha estudado Medicina?

- Nós, que os censuramos, temos dedicado ao estudo da Fé o tempo e a atenção que seriam necessários?

c) Já não falamos "dos outros". Mas sabem todos os católicos, todos os jucistas ao menos, que a luz natural da razão é suficiente para demonstrar com rigor a existência de Deus, a divindade de Jesus, a veracidade da Igreja, a liberdade humana...? Ou confiamos apenas no sentimento, na consciência comunitária etc.

- d) Não é preciso ser sábio para se ser santo. Mas fomos nós que escolhemos a vocação da sabedoria quando viemos para a Universidade...

E o conhecimento da filosofia e da teologia também ajuda a amar melhor.

- e) O universitário discute geralmente com pouca lógica (Resultado dos inquéritos do ano anterior).

Temos feito um esforço por melhorar o nível?

- f) No apostolado surge por vezes a tentação de "facilitar as coisas". Mas lembramo-nos suficientemente de que a doutrina não é nossa?

3ª. Reunião - RELIGIÃO E MORAL

- a) A moral representa a vontade de Deus a respeito do homem. Simultaneamente, constitui o único esquema em que este se pode "encontrar a si mesmo". A razão é evidente: criado por Deus, o homem desorganiza o plano da sua natureza ao transgredir a lei do creador. A moral é portanto natural.

- b) A moral é a Verdade na vida, na acção. Contudo, se em Deus Pensamento e Amor são inseparáveis, connosco não se dá necessariamente o mesmo. Por isso, não basta que o cristão reconheça o Bem a modo de conclusão silogística; é necessário que se empenha em amor esse Bem com a alma todo. Quanto mais perfeitos e espirituais nós formos, mais será porém a identidade dos dois aspectos: compreender e amar a Deus.

- c) Embora natural, a lei moral é por vezes difícil de cumprir. Porque, atingido pelos efeitos do pecado original, o homem é atraído pelo pecado, tentado a destruir a ordenação de que falamos. Necessidade da oração, da penitência e dos sacramentos.

- d) O pecado afasta de Deus. Porque o pecado, reconhecendo a contradição da sua vida, tem tendência a resolvê-la negando a necessidade da moral, da religião, de Deus.

- e) Conclusão: O Bem existe: a moral está como que impressa na vossa natureza; a virtude é possível, mas difícil em certas ocasiões. Para a prosseguir é necessário o auxílio de Deus. E a união com Deus atinge-se pela vida sacramental e pela ascese.

- a) Qual destas atitudes acerca da moral é mais frequente entre as nossas colegas? - Analisa cada uma delas.

- A moral é o conjunto de regras que permitem aos homens viver em sociedade e assegurar a felicidade individual.

- A moral é uma convenção que pode ser alterada a bel prazer de cada um.

- A chamada moral é um conjunto de conceitos pragmáticos que a evolução da sociedade vai dispensando sucessivamente.

- A moral é a ordenação dos actos humanos segundo os fins propostos pela nossa natureza (e, portanto, segundo o pensamento do creador).

- b) Aceita-se normalmente o primado do espírito ou defende-se que a sabedoria consista em seguir todos os impulsos da tendência?

Mesmo nesta hipótese, consegue-se negar que o pecado é uma aberração, uma ofensa à ordem natural da coisa?

- c) Como compreendem as católicas os seus deveres para com Deus, Jesus Cristo e sua Igreja?. Existe a convicção de que não basta "cumprir" mas que é preciso "amor"?

- d) Tem-se a consciência nítida de que a moral impõe por vezes, sacrifícios e que esses sacrifícios dignificam o homem? Ou caminha-se para uma presunção de impecabilidade?

- e) O católico pode contribuir pela sua acção na luta contra o pecado de dois modos: ensinando a Verdade e irradiando com a sua presença.

Compreendemos todas as responsabilidades que a nome de católica traz consigo?

- f) Apostolado, Amor das almas. O apóstolo é um colaborador de Deus. Mas primeiro, tem de procurar merecer a honra de servir para instrumento da graça.
- g) O apóstolo deve confiar em Deus. Mas não pode expor-se a perigos graves sem razão suficiente. Ora há situações, conversas, ambientes em que corre perigo a pureza ou a dignidade do cristão.

Como são compreendidos e seguidos estes pontos?



a) Criado por Deus e destinado à participação da Sua glória, o homem deve tender para Ele. O primeiro dos nossos deveres - e o nosso verdadeiro fim - é amar a Deus e glorificá-lo.

b) O amor de Deus realiza-se na identificação com a vontade d'Ele. Ora Deus é Verdade e Amor. Moral é, em última análise, tudo o que nos conforme com a Verdade ou com o Amor.

Por isso se diz no Evangelho que há um só pecado que não tem perdão - o pecado contra o Espírito Santo. Consiste este pecado em fechar os olhos à luz ou, vindo-a, recusar dar-lhe adesão.

c) Amor da Verdade, natural e revelada:

O amor da verdade natural conduz-nos a Deus e dispõe-nos à Revelação. - necessidade de acolher a verdade revelada.

A Fé, "argumento das verdades que não vemos". (S. Paulo).

"Sem Fé, impossível agradar a Deus". (S. Paulo).

Mas não esquecer que toda a sabedoria que se não transforme em amor é vã e estéril.

"Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos... e se tiver o dom de profecia, e conhecer todos os mistérios e toda a ciência... mas não tiver caridade, nada sou". (S. Paulo, I-Cor.).

Projecção do amor à verdade na vida de cada dia:

- Lealdade
- Honradez
- Desassombro
- Coragem

Mas a caridade que se detenha nas criaturas, sem ter Deus por razão derradeira ou é idolatria e aviltamento ou é pura filantropia sem transcendência.

"Se eu distribuir todos os meus bens para alimento dos pobres e se entregar o meu corpo para ser queimado, mas não tiver Caridade (isto é, amor de Deus) nada me aproveita". (S. Paulo, I-Cor.).

d) O homem é composto de alma e corpo, espírito e matéria. Todos os seus actos põem em jogo estes dois princípios. É através dos sentidos que a alma percebe as coisas; as acções da alma "movem" o próprio corpo.

Antes do pecado original existia perfeita harmonia entre todas as faculdades. Depois, desapareceu essa ordenação - que era, de resto, puramente gratuita. Ficámos sujeitos ao erro, à dor e à morte. E abriu-se o campo à impureza.

A impureza consiste em procurar um deleite desordenado como fim imediato.

Reparar que a pureza, em si, não consiste na negação dos valores corporais sensíveis, mas na ordenação de todas as potencialidades que estes revestem em função do todo. Não deixa, contudo, de ser verdade que, hoje, é impossível vivermos no estado de inocência original. A santidade recuperada no baptismo, só se mantém através da renúncia, mesmo de alguns bens que, noutra economia de vida, podíamos lícitamente usufruir: São tradução da pureza:

- Castidade
- Modéstia
- Recolhimento
- Mortificação
- Prudência
- Simplicidade

... Mas a própria pureza nada vale sem Amor-Caridade.



e) A moral consiste na ordenação da nossa vida. Mas para que essa ordenação tenha valor sobrenatural, necessário para alcançar a Vida Eterna - que é participação da vida glória da Santíssima Trindade - é preciso que todos os nossos actos sejam informados pelo amor de Deus, amor constante e cada dia mais ardente.

Seria erro gravíssimo cuidar que a nossa vida se pode pautar apenas pelo cumprimento dos mandamentos da lei natural. Somos chamados a uma vocação mais alta - a de filhos de Deus. Por isso, o homem só se realiza verdadeiramente pela graça sobrenatural e imitação de Jesus Cristo.

Para mais, é impossível ao homem ser perfeito sem um auxílio particular de Deus. - "Sem mim, nada podeis fazer".

Necessidade de a moral se apoiar e desenvolver na ascese.

I N Q U É R I T O

Examinar, em relação ao vosso meio:

- 1) Preocupação de encontrar a Verdade e o Bem e de pautar por eles toda a vida.
Desinteresse teórico e prático destes problemas.
Submissão à lei do mínimo esforço e da máxima comodidade.
Tendência para justificar os desvios de ordem moral, em particular os da sensualidade.
- 2) Desinteresse pelos outros.
Caridade egoísta, motivada pelo desconforto de presenciar misérias.
Caridade limitada pela comodidade: fazer o bem, enquanto isso não fôr muito incómodo.
Desleixo: "não se pode endireitar o mundo..."
Procurar resolver grandes problemas, amar a humanidade em geral, sem compreender que os grandes problemas são, muitas vezes, somatório de problemas particulares; que o que há de mais nobre no homem é a pessoa; e que é a antítese da caridade cristã ditar soluções de conjunto, passando por cima das pessoas. (É esse o mal de certas instituições humanitárias). A eficiência nem sempre é critério
- 3) O que se pensa da castidade.
Respeito pelo amor, pelo matrimónio e pelas leis da transmissão da vida.
Pecados contra a castidade mais frequentes no nosso meio:
 - acções - os que se entregam a tais desvarios, reconhecem quanto se degradam como pessoas ?
 - pensamentos - dificuldade de os eliminar sem uma grande disciplina interior; sua gravidade que é tanto maior quanto mais semelhantes pensamentos acodem ao espírito envolvidos e confundidos em ideias a que chamamos românticas. -
- 4) Atitudes perigosas para a pureza.
 - convívio com pessoas de outro sexo sem que haja qualquer preocupação de delicadeza moral, nem qualquer respeito pela sua psicologia e sensibilidade específicas;
 - bailes
 - leituras e espectáculos condenáveis
 - demasiada confiança na própria fortaleza
 - conversas imprudentes
 - "flirt"
 - pretensão de que é preciso conhecer o mundo (o que está certo), embora correndo o risco grave de pecar (o que está errado). (Notar que é já pecado afrontar uma ocasião próxima de pecado grave sem que haja razão suficiente para isso).Atitude dos católicos; sua preparação para criticar os erros.

III - MORAL DA FAMÍLIA E DO AMOR

a) O matrimônio é uma vocação: chamamento de Deus para determinada obra. É um sacramento: produz a graça nos cônjuges, desde que estes não lhe ponham obstáculos.

b) Fins específicos do matrimônio: geração e educação dos filhos: auxílio mútuo do cônjuges.

c) Não deixa de ser válido que a vocação primária de todos os homens, vocação inalienável, é o amor de Deus e sua glorificação. O matrimônio e o amor não devem, pois, ser encarados como fim; são antes o meio, meio excepcionalmente rico e fecundo, de marido e mulher se realizarem em toda a plenitude.

d) O matrimônio realiza a união mais profunda de dois seres que é possível neste mundo. Mas não esquecer que eles continuam a ser duas almas, que, embora co-responsáveis em quase tudo, serão julgados em separado. É erro modernista, substituir às duas pessoas uma só entidade; nem é lícito sacrificar aspectos da personalidade, em ordem a uma especialização do conjunto. O matrimônio deve conseguir a valorização e não a deformação dos esposos.

e) Grandeza do matrimônio: Participação no poder criador de Deus (notar que não basta gerar corpos; é mais importante, ainda, formar almas, orientá-las para Deus) - Responsabilidade pela santificação mútua.

f) Perigos - o matrimônio obriga os esposos a lidar com valores que, não sendo de si pecaminosos nem sequer imperfeitos (no sentido moral), podem favorecer um abajamento da espiritualidade e até o pecado.

Necessidade de encontrar uma síntese de todos os valores, sob o primado do espírito.

Notar que é falso misticismo procurar e realizar esta síntese a partir duma "visão global do homem" em que corpo e alma sejam considerados como de igual dignidade.

"Meus irmãos, não somos devedores da carne, para que vivamos segundo ela"
(S. Paulo, Rom . -8).

A carne deve servir o espírito; e deixa de o servir quando o domine.

g) Há, também, outros caminhos; pedir a Deus a graça de um esclarecimento sobre o nosso.



INQUÉRITO

1 - Existe no nosso meio a convicção de que o amor só é compreensível em ordem a um matrimónio indissolúvel ? Ou pretende-se estabelecer a autonomia ?

2 - Compreende-se que o casamento é, antes de realização pessoal, uma instituição criada por Deus e governado por leis que só Ele pode estabelecer ? Ou considera-se um contracto - cujas condições os esposos podem regular ?

3 - Respeito pelas leis da vida. Doutrinas anti-concepcionais. Sua difusão. Crítica.

4 - Existe nos católicos a preocupação de manter o primado do espírito e viver o sacramento ou caminha-se pelo contrário, para um naturalismo ou para um falso angelismo ?

5 - Compreende-se que o facto de possuir uma doutrina de Verdade revelada, absoluta, obriga os pais a educar os filhos segundo ela ? Ou defende-se que compete, exclusivamente aos filhos orientarem-se a si próprios nos rumos do pensamento ?

6 - A primeira obrigação dos esposos é de santificação mútua e da formação dos filhos. Mas, quanto possível, irradiar também para o exterior.

7 - Namoro. Respeito mútuo. Muitos juístas não compreendem que certas atitudes são pouco elegantes, desedificantes e até perigosas; que é falta de beleza expor-se a qualquer pecado junto daquela pessoa que há-se ser "um" conosco e que nós temos de ajudar a subir... E se nós, que temos o auxílio da graça, nos não privarmos de certas liberdades - que até podem não ter moral -, como criticaremos os erros dos outros ? Estaremos a dar testemunho de que "vivemos segundo o espírito, como diz S. Paulo ?

IV - A MORAL NAS SOCIEDADES EM GERAL

a) Toda a sociedade é um organismo em que vários indivíduos põem em comum interesses seus para mais facilmente atingirem determinados objectivos.

A sociedade, uma vez constituída, distingue-se dos indivíduos, sem contudo lhes ser superior. É uma "pessoa moral".

Se todos os homens têm a obrigação de confessar a Deus, a Jesus Cristo e à sua Igreja, existe o mesmo dever para as sociedades, como pessoas morais e por se destinarem a servir o homem (desinteressando-se de Deus, acabariam por o desservir).

Assim, ao menos teòricamente, todas as sociedades - e em particular o Estado, A Universidade e a Empresa - devem confessar a Deus e declarar que se organizam segundo a Sua Moral.

Na prática, pode ser impossível ou desaconselhável seguir esta orientação. Não porque se admita a relatividade da Verdade mas por necessidade de tolerância para com errôneas opiniões alheias (p.ex. no caso de elas constituírem maioria), em ordem a salvaguardar - a oportunidade de organizar a sociedade nas suas verdadeiras bases.

É, porém, evidente que os católicos têm o direito de criar sociedades em que se respeitem estes princípios.

b) Há sociedades de objectivo "material". São evidentemente lícitas. Mas como todas elas se servem de homens é preciso não subordinar os distintos superiores destes à economia da produção material.

c) Pelo que se disse na 1ª alínea, as sociedades, quer o confessem quer não, estão sujeitas à moral, que é invariável nos seus princípios. P.ex. não se pode admitir que as relações entre os Estados sejam pautadas por uma moral diferente da que regula o convívio dos indivíduos; responsabilidade das transgressões.

I Princípios gerais: a dignidade no estudo

- 1 - A cada instante Deus se dirige ao homem para que este escolha um caminho a seguir. Há uma descoberta de fins: vocação; e uma escolha dos meios: Dever de estado.
O nosso dever de estado: o estudo.
Estudo: conquista da verdade.
Como qualquer dever o estudo implica:
Amor a Deus (Amor à Verdade)
Amor ao próximo - espírito de serviço
Anseio de perfeição: valorização: enriquecimento do Corpo Místico
Tanto na escolha dos fins como na escolha dos meios se impõe uma finalidade absoluta, um querer em "identidade de vontade" com o Criador.
Só assim o homem atinge em plenitude o fim para que foi criado -
- glorificar a Deus (fim último da Santificação pessoal do dever de servir com eficiência a sociedade).
- 2 - Aceitar uma vocação é aceitar concomitantemente os meios de a realizar. É apaixonante o julgar-se convidado por Deus a participar na Sua Sabedoria infinita (e outra coisa não é a vocação intelectual); o sentir-se chamado a Comungar na verdade universal; o ser atraído por um apêlo do Criador para desvendar os mistérios da Criação - os seres, sua origem, seus fins, suas relações, seu equilíbrio; a sociedade, sua origem, suas leis - ser chamado a possuir o Universo (conhece-lo é possuí-lo).
Apaixonante, sem dúvida... mas se o dislumbre não fôr acompanhado de uma aceitação plena de todas as exigências que uma vida intensa de estudo requer, é legítima a dúvida sobre a autenticidade dessa vocação. Diante da Verdade é descabida a mentira, a falsidade - a fraude - no estudo e na profissão. É-nos exigida a atitude séria e leal de encarar de frente a responsabilidade intelectual moral e social de universitários católicos.
"Uma vaga aspiração impele as multidões para horizontes que a maior parte admira, mas não se dá a trabalhar, eis o desejo universal, mas desejo de corações cobardes e de cérebros enfermos".
- 3 - A virtude própria do intelectual é a "estudiosidade". O estudo é um dever que pode transformar-se em virtude quando fôr feito dentro de certas condições.
Precisando:
O estudo tem de orientar-se por fins que o justifiquem. Pôr como finalidade última do estudo a superioridade em face dos colegas, a passagem imediata num exame, a obtenção de uma posição de destaque na sociedade, ou de remunerações mais elevadas - é uma hierarquização de valores.
 - 1) O estudo do universitário é exercício de todas as suas potencialidades (inteligência, sentido crítico, conhecimentos anteriores)
 - 2) O estudo do universitário é sempre esforço de síntese de conhecimentos e recolha de material de trabalho.
 - 3) O estudo não pode confundir-se com esforço de retenção memórica dos conhecimentos apresentados pelo professor nas aulas ou colhidos no livro-texto.
- 4 - É erro deixar de estudar sob pretexto doutras actividades também importantes.
A passagem pela Universidade é uma preparação. Demorar essa preparação ou sair da universidade sem estar apto é um roubo feito à sociedade (roubo por ter sido desaproveitado o tempo em que a sociedade suportou o peso de um membro voluntariamente estéril; roubo pelas consequências que virá a ter uma profissão mal desempenhada.)
- 5 - O estudioso pode fazer do estudo uma oração contínua.
"Para um apóstolo moderno, uma hora de estudo é uma hora de oração"



- Sendo a inteligência aquela faculdade de que o intelectual mais se serve, por ela deve o intelectual dar a Deus o louvor que toda a criatura Lhe deve
- Pela apreensão da verdade reduzida e dâspersa, o intelectual deve subir até à Verdade suprema.
- Confinado às suas limitações humanas o homem só pode aprofundar verdades parcelares; tal porém que o não prive do sentido do todo.
"Cada verdade é um reflexo; atrás do reflexo e a dar-lhe valor está a luz. Cada ser é testemunha; Cada facto um segredo divino: para além está o objecto da revelação"
- A vida não é uma sucessão de Compartimentos cada qual aberto à sua hora. Toda ela é uma linha sem descontinuidade que nos conduz à vida unitiva com Deus.
No estudo como sempre "tenhamos connosco toda a alma, toda a natureza, toda a Criação e a própira Divindade"

QUESTIONÁRIO

- 1- Quais as concepções dominantes na tua Faculdade àcerca do sentido da vida de estudo?
(culto da Verdade, serviço integral ou apenas utilitário da sociedade, aquisição de uma superioridade em relação aos outros homens, utilidade pessoal, etc.)
Os jucistas destacam-se dalguma maneira neste capítulo?
- 2- Na tua Faculdade, quais as mais correntes ocasiões quotidianas de traição à Verdade?
(estudo sem nível, com o fim pervertido - para brilhar, por exemplo; com os colegas: nas conversas, no trabalho em conjunto; com os professores: nas aulas, nos exames; etc.)
Tomar consciência delas para as vencer.
- 3- Na maioria dos casos, não se faz uma vida aturada e intensa de estudo. Quais as razões?
(ausência de ascese de vida - desordem, diletantismo; trabalhos estranhos à formação universitária - por necessidade económica, por exemplo; falta de condições de trabalho intelectual - de alojamento, de conviver; actividades apostólicas mal ordenadas, etc.).
Nas circunstâncias concretas dos membros da campanha (ou equipa) o que há a fazer para nos aproximarmos do equilíbrio de vida?

II A realização dos princípios: metodologia do trabalho intelectual

- I - O estudo, ideal de verdade, é também realidade de vida. mo tal exige um conjunto de Condições apropriadas à sua realização plena.
- O universitário católico não se contenta com a procura de verdade que pessoalmente realiza, mas preocupa-se com a posição de todos os seus colegas e da Universidade ela mesma em face da verdade. Considerando o fim transcendente da Universidade, o universitário católico deve procurar eficientemente os meios dela o atingir. Membro da Comunidade Universitária, o universitário católico tem o dever de dar o seu contributo para a organização duma vida universitária que seja verdadeiramente procura da verdade: que a verdade esteja já no dia a dia, não havendo portanto lugar para - por qualquer processo - falsear o estudo; que a verdade seja sempre o nosso fito e nos norteie na escolha dos meios eficientes de a alcançar. Neste sentido caberá estudar segundo a responsabilidade de cada um, quais são, à luz das experiências actuais e das exigências espirituais do nosso tempo, os moldes mais adequados à vida de estudo: na escola ou na Faculdade, nos institutos de investigação e de consulta (bibliotecas, laboratórios, museus, etc.), nos grupos de estudo, no trabalho pessoal.

- 2 - Vale a pena enumerar os aspectos que este problema da metodologia reveste, para tomarmos consciência da sua extensão: Programas, Horários de exames, aulas, bibliotecas, etc. Aparentamentos, livros de texto, bibliografia. Condições de trabalhos práticos, visitas de estudo. Aulas de convivência, seminários de estudo - suas oportunidades e métodos. Etc.

- 3 - Mas devemos deter-nos mais no sector que, desde já, depende imediatamente de cada um de nós: o estudo pessoal.

Há que procurar uma adequação do nosso trabalho às condições interiores da Fundação Cuidar o Futuro nos colocou, uma hierarquia de tempo, uma hierarquia dos assuntos a estudar.

O nosso estudo tem que ser um trabalho consciente, diálogo do nosso espírito com o do autor que consultamos ou com a verdade objectiva que investigamos. Supõe disponibilidade, uma atitude psicológica de atenção, apreensão, reflexão, assimilação.

"A fonte de saber não está nos livros mas na realidade e no pensamento. Os livros são marcos miliários: o caminho é mais antigo, mas ninguém trilha por nós o caminho da verdade. O que acima de tudo nos interessa é o que é e não o que o escritor diz; e o que o nosso espírito pretende não é repetir mas compreender ou seja tomar consigo, absorver vitalmente, e, enfim pensar por si".

E podemos agora avaliar melhor o interesse dos trabalhos de criação e elaboração, cujo valor formativo é tão deploravelmente desleixado: monografias, relatórios, projectos, esboços, mapas, etc. Importa inseri-los também no nosso plano de actividade intelectual.

QUESTIONARIO

- 1 - Quais os métodos de estudo mais empregados pelos teus colegas? (cingir-se a um livro-texto ou colher em muitas fontes dispersas) levantar as dúvidas à primeira leitura, ou procurar resolvê-las com a continuação e aprofundamento do assunto; estudar em grupo à maneira de simpósio, ou dados a par como se estivessem a estudar individualmente; estudar e descansar "em bloco", ou dia-a-dia; etc.)
E qual o teu método? Procurar fazer a sua crítica de modo a valorizá-lo e corrigir o que estiver desviado.
- 2 - Entre os membros da companhia (ou equipa), quais os livros já

lidos sobre metodologia do trabalho intelectual? O que se ganhou ou pode ganhar através deles?

- 3 - Quais os obstáculos a um estudo compreendido? Esses obstáculos são causas do estudo repetido ou vês outras? Qual destes dois tipos de estudo é mais frequente no teu ano? O que fizer como exemplo, testemunho?

BIBLIOGRAFIA

Sertillanges	-	A vida intelectual
P. Chavigny	-	Organización del trabajo intelectual
Grahy	-	Les sources
Jean Guittou	-	Le travail intellectuel
P. Boléo	-	Para um maior rendimento do trabalho intelectual

Fundação Cuidar o Futuro

III A realização prática do princípio: exigências para o trabalho

O estudo ideal de verdade, obriga a uma procura constante dela, em toda a parte, nos livros e na natureza. É um encontro de nós mesmos com a verdade. Por isso o estudo exige um desejo forte de verdade; uma escassez de vida que nos prepare para a recebermos.

- 1 - Energia física e intelectual contra a perguiça intelectual: há que adquirir hábitos de reflexão, de crítica, de classificação. O espírito fechado num comodismo apático está incapaz de receber a verdade.
- 2 - Pobreza de espírito. É preciso saber renunciar a ideais de valor secundário, a sentimentos inoportunos, a preconceitos dum egoísmo fácil. Só o espírito livre pode receber a Verdade.
- 3 - Humildade intelectual, condição de visibilidade da verdade: só na consciência plena de que não sabemos senão pequenos fragmentos de verdade podemos participar da Verdade total que não abarcamos; condição de compreensão das idéias e opiniões dos outros: só na certeza humilde de que muito fica por saber e que desse muito outros poderão ter visões parcelares podemos admitir opiniões que não entendemos e procurar percebê-las e, afinal, enriquecemo-nos com o contributo doutros espíritos; humildade ainda, diante de nós próprios, para não nos deslumbrarmos com o eu que descobre a verdade, mas antes admirarmos a descobrarmos mais a verdade que começou a revelar-se.
- 4 - Silêncio interior e exterior. Este refere-se às próprias Condições materiais de trabalho. Aquele é uma atitude de alma atenta e disponível. É preciso sabermos defender-nos das sugestões do ambiente, das tentações da imaginação das associações de idéias de tendência dispersiva, da desordem mental que faz antepôr ao juízo objectivo da verdade a fantasia das idéias fáceis.
- 4 - Confiança em Deus e nas afeições que pôs em nós. Confiança contra a rigidez do estudo; confiança contra a dúvida e o receio que nos inspiram os erros claramente defendidos.
- 6 - Perseverança e tenacidade. Saber ir até ao fim duma investigação, até à visão clara de uma idéia. Empregar todos os meios apropriados: leituras, reflexões, dissertação sobre o assunto, etc..
- 7 - Sentido de Comunidade no estudo mesmo pessoal. Saber-nos ajudar e fazermos-nos ajudar, pela troca de idéias, pela indicação de livros, pelas sugestões de problemas e de assuntos. Termos ainda o sentido da Comunidade no sacrifício e nas alegrias do trabalho intelectual.

QUESTIONÁRIO

- 1 - Como pensas que se podem formar e educar hábitos de reflexão e de crítica em face dos assuntos em estudo, dos livros que se leem, etc.?
Práticas o método de, após a leitura de cada livro, escrever dele um breve resumo e a tua reacção perante as idéias nele expostas?
Acha-lo aconselhável?

- 2 - Em presença de determinada tese, procuras investigar-lhe as conseqüências, para avaliar do seu valor e veracidade? Ou tens alguma maneira tendência a colaborar na irreflexão com que se apresentam atitudes intelectuais na tua Faculdade?
- 3 - É frequentena tua Faculdade abordarem-se trabalhos não obrigatórios pelo curso - do tipo da investigação, monografias, etc.? O que pensas das suas vantagens e desvantagens, e da sua viabilidade?
- 4 - Recebeste alguma vez, dentro ou fora da J.U.C., com Professores ou com colegas, ajuda considerável para o rumo dos teus trabalhos?
Tiveste ocasião de a dar a outros? Achas que se deva esperar ajuda da Comunidade jucista?

Fundação Cuidar o Futuro